

Recebido em: 12/08/2023  
Aprovado em: 03/09/2023  
Publicado em: 17/10/2023

## A NOÇÃO DE EXPERIÊNCIA ENTRE A BUSCA PELA DESSUBJETIVAÇÃO E A PRIMAZIA DO SUJEITO

Foucault reinterpretando Bataille

## THE NOTION OF EXPERIENCE BETWEEN THE SEARCH FOR SUBJECTIVATION AND THE PRIMACY OF SUBJECT

Foucault reinterpreting Bataille

Lorrayne Colares<sup>1</sup>  
([lorrayne.colares@hotmail.com](mailto:lorrayne.colares@hotmail.com))

**Resumo:** O presente artigo busca investigar a suposta ruptura que o próprio Foucault identifica no início de sua trajetória filosófica como um distanciamento em relação à filosofia institucional de sua época. Para tal fim, apresentamos uma determinada leitura foucaultiana a respeito da noção de experiência, a qual parte de uma antagonização entre o que o autor considera como a noção de experiência oriunda da fenomenologia e uma outra noção de experiência, a noção de experiência como autoridade criadora, caracterizada a partir de sua interpretação do pensamento de Bataille. Como resultado, delineamos o movimento que instiga Foucault a realizar uma curva nietzscheana em oposição à perspectiva humanista dominante e, com isso, desenvolver todo um empreendimento de dessubjetivação. Por fim, apresentamos o desenvolvimento do pensamento do autor em relação à sexualidade para questionar os indícios de um apagamento da influência de Bataille em seus últimos escritos.

**Palavras-chave:** Fenomenologia. Experiência. Foucault. Bataille. Dessubjetivação.

**Abstract:** The present paper seeks to investigate the supposed rupture that Foucault himself identifies at the beginning of his philosophical trajectory as a distancing from the institutional philosophy of his time. For this end, we present a certain foucauldian reading of the notion of experience, which operates an antagonism between what the author considers as the notion of experience derived from phenomenology and another notion of experience, the notion of experience as a creative authority, characterized from his interpretation of Bataille's thought. As a result, we delineate the movement that instigates Foucault to carry out a nietzschean curve in opposition to the dominant humanist perspective and, with that, to develop an entire enterprise of desubjectivation. Finally, we present the development of the author's thought regarding sexuality in order to question the signs of a fading of Bataille's influence in his last writings.

**Keywords:** Phenomenology. Experience. Foucault. Bataille. Desubjectivation.

<sup>1</sup> Doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília – PPGFIL-UnB. Mestra e Graduada em Filosofia pela mesma instituição.  
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6038035271225390>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8815-4834>.



## INTRODUÇÃO

É o próprio Foucault que reconhece e enfatiza a importância que Bataille teve em sua trajetória filosófica, marcada por um processo gradual de distanciamento e de recusa do autor em relação à filosofia institucional em voga na sua época, a bem dizer, em relação ao hegelianismo, ao marxismo, ao existencialismo e à fenomenologia. Em 1978, ao ser questionado por Moriaki Watanabe, acadêmico japonês especialista em teatro e literatura francesa, a respeito da cena filosófica francesa, Foucault, ao referir-se a Klossowski, Bataille e Blanchot, admite o seu receio “[...] de não ter feito naquilo que escrevi o suficiente em relação à influência que eles tiveram sobre mim” (2001, p. 589, *tradução nossa*)<sup>2</sup>. Essa insuficiência, diz o filósofo, se deu não por ingratidão, mas por timidez, na medida em que Foucault considera a obra literária ou filosófica deles demasiadamente importante e grandiosa ao ponto de não ousar convocá-los como seus padrinhos. À vista disso, para que possamos nos aprofundar na investigação da extensão dessa influência registrada nos ditos e escritos de Foucault, precisamos anteriormente examinar o contexto na qual ela se delimita e se propaga.

A partir de um olhar que capture os movimentos que constituem a sua obra como um todo, encontramos já na década de 50, um pouco após o jovem Foucault finalizar suas graduações em filosofia e em psicologia, indícios de um perpétuo jogo de aproximações e de recusas que caracterizará todo o seu pensamento. Se pudermos, de fato, dividir a filosofia foucaultiana em fases, então podemos atribuir ao jovem Foucault – esse Foucault proto-arqueológico, como diriam alguns de seus comentaristas – um interesse mais direto em relação a temas relacionados com a psicologia, com a psicopatologia e com a antropologia. A compreensão dessa fase de seu pensamento, apesar de ainda muito pouco estudada no Brasil, nos oferece uma instigante chave de leitura em termos de uma compreensão global da sua obra. Até muito recentemente, alguns manuscritos escritos por Foucault nesse período ainda não estavam publicados, sendo acessíveis somente aos pesquisadores cuja consulta aos documentos originais depositados no *Fonds Michel Foucault* era admitida. Foi somente a partir de 2021 que passamos a ter acesso direto, e apenas em francês, às obras intituladas como *Binswanger et l'Analyse Existentielle* e *Phénoménologie et Psychologie (1953-1954)*, respectivamente organizadas por Elisabetta Basso e por Philippe Sabot.

Antes disso, os comentários a respeito desse Foucault proto-arqueológico se resumiam à interpretação da introdução que Foucault escreveu, em 1954, para a obra *Sonho e*

---

<sup>2</sup> Texto original: « [...] n'avoir pas fait dans ce que j'ai écrit la part suffisante à l'influence qu'ils ont dû avoir sur moi ».

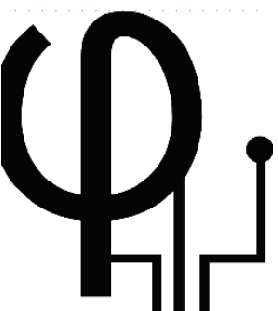
*Existência* de Binswanger, de seu livro *Doença Mental e Personalidade*, publicado em 1954, o qual fora posteriormente reeditado sob a nomenclatura de *Doença Mental e Psicologia* em 1962 e, por fim, dos dois artigos que se encontram reunidos nos *Dits et Écrits I (1954-1975): La Psychologie de 1850 à 1950 e La Recherche Scientifique et la Psychologie*, ambos de 1957.

Por conseguinte, a publicação desses manuscritos até então inéditos, os quais podem ser considerados como verdadeiras teses a respeito da psicopatologia fenomenológica, nos fornece novas e valiosas ferramentas. Essas ferramentas nos permitem não somente investigar por quais motivos Foucault se desdobrou em uma análise das principais abordagens psicológicas e psiquiátricas da doença mental, descrevendo uma trajetória que vai do evolucionismo à psicanálise, da análise existencial ao materialismo pavloviano e, até mesmo, no desenvolvendo uma abordagem crítica em relação à psicologia positiva a partir de uma interpretação do pensamento fenomenológico de Husserl, mas, sobretudo, que nos possibilita refletir sobre as razões que levaram o jovem filósofo a se afastar desse campo de investigação e, por conseguinte, reorientar a sua pesquisa.

E, para operar tal reflexão, recorreremos aos breves momentos, expressos principalmente nas entrevistas concedidas pelo autor, nos quais, ao teorizar sobre a sua experiência filosófica, é o próprio Foucault que acaba por mencionar Bataille. Em seguida, comentaremos dois artigos nos quais o autor trata especificamente de Bataille. No entanto, seguindo a lição de Roberto Machado, também manteremos um certo olhar crítico e desconfiado em relação às afirmações proferidas por Foucault a respeito de seu trabalho. Pois, apesar do filósofo ter a tendência de querer nos apresentar o percurso das suas próprias ideias, e de o fazer a partir de um desejo de aprofundamento progressivo e de uma constante autocrítica que o leva a operar inúmeros deslocamentos, ele também, muitas vezes, acaba por se contradizer. Machado, então, caracteriza essa tendência foucaultiana como uma espécie de *ilusão retrospectiva* e questiona se, quando Foucault diz que ““Minha questão sempre foi o sujeito!”, qual é o valor dessa afirmação, que se choca com outra: “Minha questão sempre foi o poder!”?” (2017, p. 43).

## 1 DO ABSURDO AO COMPLETAMENTE OUTRO

“ESTRAGON: *Ele devia estar aqui.*  
VLADIMIR: *Não deu certeza de que viria.*  
ESTRAGON: *E se não vier?*  
VLADIMIR: *Voltamos amanhã.*



ESTRAGON: *E depois de amanhã.*  
VLADIMIR: *Talvez.*  
ESTRAGON: *E assim por diante.*  
VLADIMIR: *Ou seja...*  
ESTRAGON: *Até que ele venha.*”  
(Samuel Beckett)<sup>3</sup>

É em uma entrevista concedida a Charles Ruas em 1983, a qual fora publicada em 1984 em um capítulo do livro *Death and the Labyrinth: The World of Raymond Roussel*, que Foucault narra o acontecimento que o fez romper com a tradição filosófica de sua época. Ora, essa suposta ruptura, a qual pretendemos investigar, teria o levado a reorientar seus estudos em direção às fronteiras entre a razão e a desrazão e, ocorreu, curiosamente, a partir de uma peça teatral. Segundo o relato de Foucault, foi *Esperando Godot*, do dramaturgo irlandês Samuel Beckett, esse espetáculo do absurdo que encena a espera de Estragon e Vladimir por algo – ou alguém – que nunca vem ao seu encontro, que teria o levado a ler “Blanchot, Bataille, Robert-Grillet – Les Gommages, La Jalousie, Le Voyer – Butor também, Barthes – as Mythologies – e Lévi-Strauss” (2009, p. 410). No mais, essa ruptura não teria acontecido somente em seu pensamento, na medida em que, para o autor, essas referências, tão diferentes entre si, “[...] marcaram uma ruptura para as pessoas de nossa geração” (FOUCAULT, 2009, p. 410). Vale ainda ressaltar, no entanto, que esses não seriam os únicos autores que influenciaram essa ruptura geracional e que, em outros textos, por exemplo, Foucault adicionará nomes como os de Klossowski, de Roussel, de Mallarmé, de Breton, entre outros, à coleção de referências que o inspiraram a fugir de um determinado horizonte institucional.

Sendo assim, pretendemos demonstrar como esse corpo de referências artísticas, filosóficas e literárias levaram Foucault a se aproximar “[...] não apenas do estruturalismo, com seu traço caracteristicamente antihumanista, mas também de Nietzsche, que denuncia não apenas a morte de Deus, mas também seu assassino” (NALLI, 2009, p. 113) ao ponto de, indo até além, Foucault se questionar pelo fim histórico de uma episteme, conjecturando assim “[...] a possibilidade do fim da finitude, do ocaso do tema do homem como condição transcendental e pressuposto fundamental da plêiade de discursos modernos” (NALLI, 2009, p. 113). E que, além disso, esse movimento em direção aos limites da experiência passa necessariamente por uma interpretação da obra de Georges Bataille, a qual possibilitou que Foucault realizasse essa espécie de curva nietzscheana em oposição à perspectiva humanista dominante.

<sup>3</sup> Cf. BECKETT, Samuel. *Esperando Godot*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2009.

É em outra entrevista, concedida a Gérard Raulet e publicada em 1983 na *Revista Telos* sob o título de *Estruturalismo e pós-estruturalismo*, que Foucault trata a respeito de como Nietzsche representou uma experiência determinante em relação ao que aqui denominaremos como um empreendimento de dessubjetivação, o qual, por sua vez, objetiva a abolição do ato fundador do sujeito. Lá, ao especificar ainda mais a sua trajetória filosófica e ao enfatizar novamente a importância de autores como Blanchot e Bataille para a sua geração, Foucault se interroga sobre o porquê de ter lido Nietzsche e comenta que sabe bem o motivo. Sendo assim, o filósofo assume: “[...] li Nietzsche por causa de Bataille, e li Bataille por causa de Blanchot” (FOUCAULT, 2013, p. 329). No mais, ao longo da entrevista, Foucault diferencia o que caracteriza como os dois tipos de leitores de Nietzsche nos anos 60: aqueles cuja leitura de Nietzsche levou à busca por uma fuga do marxismo e aqueles cuja leitura de Nietzsche levou à busca por uma fuga da fenomenologia. Foucault, no entanto, parece se situar entre ambos os casos. E, ainda a respeito de Nietzsche, seria importante ressaltar que Foucault lista alguns dos motivos que levaram Nietzsche a permanecer durante muito tempo fora das universidades francesas, o que situava a descoberta do autor para fora dos muros propriamente institucionais. Em primeiro lugar, e isso é claro, por causa dos usos que os nazistas fizeram de sua obra e, em segundo lugar, por causa do que Foucault denomina como uma moda filosófica, a qual consistia em “[...] uma leitura continuísta do pensamento filosófico, uma atitude no que diz respeito à filosofia da história que associava, de alguma maneira, hegelianismo e existencialismo<sup>4</sup>” (2017, p. 869, *tradução nossa*)<sup>5</sup>, atitude essa que também era apreciada pelo marxismo francês.

Ora, mas se Foucault leu Nietzsche por causa de Bataille, passemos então a investigar exatamente quais são os elementos contidos na obra de Bataille que encantaram o autor ao ponto dessa influência ser tão marcante em seu pensamento. Aqui, a partir de outras observações que Foucault faz sobre a sua vida, em um diálogo com D. Trombadori realizado no fim de 1978 e publicado no *Il Contributo* em 1980, pretendemos enfatizar a existência de uma noção muito específica de experiência a partir da qual Foucault reestrutura suas ideias. Nessa entrevista, ao ser questionado sobre o aspecto excêntrico de sua posição filosófica, o qual teria gerado dificuldades para que os críticos, comentaristas e exegetas tentassem sistematizar ou atribuir a Foucault uma posição mais precisa no quadro do pensamento filosófico contemporâneo, ele responde, curiosamente, que não se considera como um filósofo no sentido tradicional do termo.

<sup>4</sup> Aqui, Foucault faz referência a um tipo de hegelianismo específico, influenciado pela fenomenologia e pelo existencialismo, característico da França do pós-guerra sob a influência da obra de Jean Wahl e de Jean Hyppolite.

<sup>5</sup> Texto original: « [...] une lecture continuiste de la pensée philosophique, une attitude à l'égard de la philosophie de l'histoire qui associait, en quelque sorte, hégélianisme et existentialisme ».

Ele, em seguida, confessa que foram justamente “[...] pessoas como Bataille, Nietzsche, Blanchot, Klossowski, que não foram filósofos no sentido institucional do termo, e um certo número de experiências pessoais, é claro” (FOUCAULT, 2017, pp. 861-862, *tradução nossa*)<sup>6</sup> que mais o teriam impressionado e fascinado, na medida em que “[...]o problema deles não era aquele da construção de um sistema, mas de uma experiência pessoal” (FOUCAULT, 2017, p. 862, *tradução nossa*)<sup>7</sup>.

Aqui, devemos sublinhar essa atração de Foucault pela ideia de uma dimensão pessoal contida na experiência filosófica, pois essa atração será um traço contínuo até o último de seus escritos. Foucault, então, afirma ser “[...] um experimentador e não um teórico” (FOUCAULT, 2017, p. 861, *tradução nossa*)<sup>8</sup> no sentido em que valoriza o caráter transformador, ou até mesmo espiritual (se adiantarmos aqui o conteúdo dos seus últimos cursos no *Collège de France*), das experiências que arrancam o sujeito de si mesmo e que o impedem de ser o mesmo. O autor, então, assume o fato de que pensa na sua própria produção filosófica como o resultado de uma experiência pessoal e ressalta que a obra transforma o autor da mesma forma como o autor transforma a obra. Sendo assim, o filósofo enfatiza a atualidade de seu empreendimento, o qual ele mesmo caracteriza como instrumental e sonhador, na medida em que brinca ao dizer que seu problema não é satisfazer historiadores profissionais, mas sim:

[...] de fazer de mim mesmo, e de convidar os outros a fazerem comigo, através de um determinado conteúdo histórico, uma experiência do que nós somos, do que não é somente o nosso passado mas também o nosso presente, uma experiência da modernidade tal como dela saímos transformados (FOUCAULT, 2017, p. 863, *tradução nossa*)<sup>9</sup>.

Foucault, então, ressalta o aspecto prático e político por trás desse empreendimento ao defender que por mais que uma experiência tenha a sua dimensão pessoal, ela só se torna plena “[...] na medida onde ela escapar da pura subjetividade e outros poderão, não digo que retomá-la exatamente, mas pelo menos cruzá-la e reatransversá-la” (2017, p. 866, *tradução nossa*)<sup>10</sup>. O autor, por fim, ilustra que as até mesmo experiências pessoais, como as suas experiências de

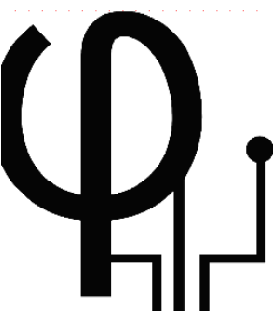
<sup>6</sup> Texto original: « [...] des gens comme Bataille, Nietzsche, Blanchot, Klossowski, qui n'étaient pas des philosophes au sens institutionnel du terme, et un certain nombre d'expériences personnelles, bien sûr ».

<sup>7</sup> Texto original: « [...] c'est que leur problème n'était pas celui de la construction de un système, mais d'une expérience personnelle ».

<sup>8</sup> Texto original: « [...] je suis “un expérimentateur et non pas un théoricien ».

<sup>9</sup> Texto original: « Mon problème est “de faire moi-même, et d'inviter les autres à faire avec moi, à travers un contenu historique déterminé, une expérience de ce que nous sommes, de ce qui est non seulement notre passé mais aussi notre présent, une expérience de notre modernité telle que nous en sortions transformés ».

<sup>10</sup> Texto original: « Une expérience est quelque chose que l'on fait tout à seul, mais que l'on ne peut fait pleinement que “dans la mesure où elle échappera à la pure subjectivité et où des autres pourront, je ne dis pas la reprendre exactement, mais du moins la croiser et la retraverser ».





escrita que resultaram na publicação dos livros *História da loucura e Vigiar e punir*, podem ser vinculadas a práticas coletivas ou a um modo de pensar, como de fato ocorreu pelo provimento de apropriação e de transformação das suas ideias pelo movimento da antipsiquiatria e pelo movimento dos prisioneiros na França. À vista disso, é através da noção de experiência – ampliada da dimensão pessoal até uma dimensão coletiva, política e transformadora – que Foucault articula a possibilidade de colocar o homem diante da ideia que ele tem de si de mesmo.

No mais, essa noção de experiência é radicalmente oposta à noção de experiência que encontramos na fenomenologia. Foucault define a noção de experiência para a fenomenologia como “[...] um certo modo de lançar um olhar reflexivo sobre um objeto qualquer do vivido, sobre a vida cotidiana em sua forma transitória apreender seus significados” (2017, p. 862, *tradução nossa*)<sup>11</sup> com o intuito de “[...] desdobrar todo o campo das possibilidades ligadas à experiência cotidiana” (2017, p. 862, *tradução nossa*)<sup>12</sup>. Por outro lado, autores como Nietzsche, Bataille e Blanchot, teorizariam uma forma de experiência que objetiva “[...] tentar alcançar um determinado ponto da vida que se encontre o mais próximo possível do invivível. O que é necessário é o máximo de intensidade e, ao mesmo tempo, de impossibilidade” (FOUCAULT, 2017, p. 862, *tradução nossa*)<sup>13</sup>.

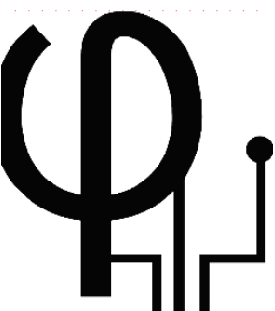
Essa interpretação da noção de experiência está fortemente ligada a um empreendimento da dessubjetivação, pois o que está em jogo nesse empreendimento é questionar a primazia do sujeito, esse postulado firme e forte na filosofia francesa, assim como se desvincular de filosofias que resgatem a soberania do sujeito fundador. Todavia, o empreendimento de dessubjetivação não se resume ao mero questionamento da categoria do sujeito, mas objetiva a “[...] sua destruição real, sua dissociação, sua explosão, sua reversão em algo completamente diferente” (FOUCAULT, 2017, p. 867, *tradução nossa*)<sup>14</sup>. Aqui, no mais, devemos refletir sobre o que estava implicado, em termos de contexto histórico, em relação à essa busca por algo completamente outro. Foucault narra como a experiência da Segunda Guerra Mundial havia gerado na juventude de sua época uma sensação de desgosto total, a qual evidenciava a necessidade e a urgência não só de uma nova sociedade radicalmente, diferente daquela que havia se deitado diante do nazismo, mas também um desejo pessoal e coletivo por uma

<sup>11</sup> Texto original: « [...] une certaine façon de poser un regard réflexif sur un objet quelconque du vécu, sur le quotidien dans sa forme transitoire pour en saisir les significations ».

<sup>12</sup> Texto original: « [...] à déployer tout le champs de possibilites liées à l'expérience quotidienne ».

<sup>13</sup> Texto original: « [...] essayer de parvenir à un certain point de la vie qui soit le plus près possible de l'invivable. Ce qui est requis est le maximum d'intensité et, en même temps, d'impossibilité ».

<sup>14</sup> Texto original: « [...] sa destruction réelle, à sa dissociation, à son explosion, à son retournement em tout autre chose ».



transformação de si e do mundo. E, para tal transformação, diz Foucault, nem o hegelianismo e nem o existencialismo eram suficientes. Já, em contrapartida, o autor considera que:

[...] o tema nietzscheano da descontinuidade, de um super-homem que seria completamente outro em relação ao homem, posteriormente, em Bataille, o tema das experiências-limites pelas quais um sujeito sai de si mesmo, se decompõe como sujeito, nos limites de sua própria impossibilidade, esses temas tinham um valor essencial (FOUCAULT, 2017, p. 868, *tradução nossa*)<sup>15</sup>.

Judith Revel corrobora a importância que o descontínuo nietzscheano terá sobre o pensamento de Foucault, na medida em que Foucault sempre retorna a esse aspecto específico. Para a autora, esse descontínuo é “o registro em que se afirma a singularidade dos acontecimentos contra a monumentalidade da História, contra o reino das significações ideais e das teleologias indefinidas: é a narrativa dos acidentes, dos desvios e das bifurcações, dos retornos, dos acasos e dos erros” (REVEL, 2015, p. 66, *tradução nossa*)<sup>16</sup>. E, como já podemos antecipar, é a partir desse tema nietzscheano da descontinuidade que Foucault irá chegar na dimensão da genealogia.

Sendo assim, através de tudo que já fora exposto, percebemos como Bataille é um personagem importante, tanto em si mesmo assim como sendo uma ponte para Nietzsche, nos jogos de pensamento operados pelo autor. Será preciso, agora, adentrar mais profundamente nas especificidades que Foucault reinterpreta em relação à noção de experiência em Bataille nos textos em que se dedicou ao tema.

## 2 EXPERIÊNCIA COMO AUTORIDADE CRIADORA NA INTERPRETAÇÃO FOUCAULTIANA DE BATAILLE

A maior parte das análises a respeito da interpretação foucaultiana da noção de experiência em Bataille partem, e por um motivo justo na medida em que esse é o texto mais completo que temos sobre o tema, de um exame do *Prefácio à transgressão*. Esse artigo fora publicado por Foucault em 1963, na edição n. 195-196 da *Revista Critique*, edição essa em

<sup>15</sup> Texto original: « [...] le thème nietzschéen de la discontinuité, d'un surhomme qui serait tout autre par rapport à l'homme, puis, chez Bataille, le thème des expériences limites par lesquelles le sujet sort de lui-même, se décompose comme sujet, aux limites de sa propre impossibilité, avaient une valeur essentielle ».

<sup>16</sup> No original: « [...] le registre où s'affirme la singularité des événements contre la monumentalité de l'Histoire, contre le règne des significations idéales et des téléologies indéfinies : c'est le récit des accidents, des déviations et des bifurcations, des retournements, des hasards et des erreurs ».



homenagem à Bataille que havia morrido no ano anterior<sup>17</sup>, e encontra-se compilado entre os seus *Ditos e Escritos*. No entanto, no presente artigo, pretendemos operar um outro movimento interpretativo, visando justapor os dizeres de Foucault a respeito da sexualidade moderna, da transgressão, da morte de Deus e do limite contidos no *Prefácio à transgressão* com outros dizeres a respeito da mesma problemática, dizeres esses contidos em um texto menos conhecido, mas nem por isso menos interessante.

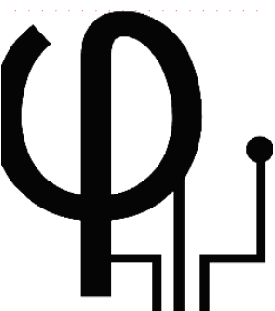
Esse texto, intitulado como *L'expérience phénoménologique – l'expérience chez Bataille*, fora publicado apenas em 2019, em língua francesa, na obra *Folie, langage, littérature*, em uma edição estabelecida por Henri-Paul Fruchaud, Daniele Lorenzini e Judith Revel, a qual reúne um conjunto de textos e conferências, a maioria até então inéditos, nos quais Michel Foucault abordou questões referentes à loucura, à linguagem e à literatura. A maior parte dos textos dessa obra, no entanto, data dos anos 60, com exceção justamente do texto no qual nós iremos nos deter, o qual possivelmente fora escrito nos anos 50, antes mesmo do *Prefácio à transgressão*. No desenrolar do artigo, pretendemos operar essa justaposição com o intuito de ressaltar o que Judith Revel indica na introdução da obra (FOUCAULT, 2019, p. 5), a bem dizer, o fato de que nesse texto consta uma primeira e implícita elaboração da noção de experiência-limite. No mais, pretendemos ressaltar outra característica interessante desse texto, a qual reside no fato de que ele parece antecipar temas que seriam caros ao Foucault dos anos 80, tais como o conceito de liberdade, de criação de si mesmo e de uma ontologia de nós mesmos.

Foucault inicia o texto, o qual possui uma linguagem extremamente poética em relação a outros escritos do autor, fazendo uma contraposição entre o que é a experiência filosófica para a fenomenologia e o que é a experiência filosófica para Bataille. Comparemos, então, essas definições de experiência em relação às que foram expostas anteriormente a partir das entrevistas que Foucault concedeu alguns anos depois. Para o autor, a noção de experiência filosófica para a fenomenologia:

[...] é uma viagem pelo campo das possibilidades necessárias - essa abordagem que se deixa guiar, com todo o rigor e por uma decisão que se impõe sempre, pelo desdobramento necessário de todas as variações possíveis; essa caminhada coloca-se, desde o início, sob a constelação, de uma necessidade essencial, que a precederá, aos poucos, mas constantemente, até ao fim do seu percurso (FOUCAULT, 2019, p. 127, *tradução nossa*)<sup>18</sup>.

<sup>17</sup> Nessa edição, além de Foucault, contribuíram também com artigos outros importantes pensadores da época, tais como Roland Barthes, Maurice Blanchot, Jean Bruno, Pierre Klossowski, Michel Leiris, Andre Masson, Alfred Metraux, Jean Pinel, Raymond Queneau, Philippe Sollers e Jean Wahl.

<sup>18</sup> Texto original: « [...] *Pour la phénoménologie, l'expérience philosophique "est un cheminement à travers le champ des possibilités nécessaires – cette démarche qui se laisse, en toute rigueur et par une décision toujours requise, guider par le déploiement nécessaire de toutes les variations possible; cette*



Em contrapartida, para Foucault, a experiência de Bataille caracteriza-se pela inversão dessa orientação da marcha filosófica, ela é a sua própria autoridade, ou, como Foucault diz, “[...] suas estrelas e seu céu” (2019, p. 127, tradução nossa)<sup>19</sup>. A noção de experiência em Bataille não somente recupera a dimensão da liberdade, mas sim o que Foucault descreve como um devolver à lâmina a sua liberdade. Tratar-se-ia, então:

[...] não mais livre exercício da necessidade, nem felicidade da autoridade recebida - mas gesto original de autoridade, ela se faz autoridade, autoridade *criadora* de si mesma repousando sobre si mesma, recolhendo-se em si mesma, exercitando-se na expansão de si mesma: uma liberdade de experiência que não mais traça a linha reta que separa, mas ergue o cetro que cerca, que reúne e que reina. Ela não é mais um espírito que necessita de reconciliação, uma consciência fiel escutando a si mesma, nem um sujeito sempre deslocado em direção ao que há de mais originário em si mesmo, mas ela dissipa, pela autoridade da qual *ela prova*, e que *forma a sua prova*, todas as mitologias de origem, todos os fantasmas da alienação: ela rompeu com todas as formas de consciência esquecidas de si, apagou todas as faces da consciência escrava; imediatamente torna vãos todos os esforços de recuperação ou libertação; pois ela não perdeu nada de si mesma, nenhum pátria a precedeu, nenhum céu fixou o destino de seu nascimento: ela carrega toda a sua soberania no momento de sua iniciativa; e o que ela instaura não é uma prática, um exercício ou uma tarefa, é um reinado (FOUCAULT, 2019, pp. 127-128, tradução nossa)<sup>20</sup>.

Ora, vejamos então que nessa definição de experiência Foucault não enfatiza a existência de uma dimensão pessoal da experiência, mas sim, e através de uma definição extremamente forte, a sua autoridade criadora e a sua soberania. E, curiosamente, apesar desse jovem Foucault ainda não refletir, como ele o fará no final de sua vida, sobre uma noção de experiência que articule jogos de poder, relações de poder e práticas de si, aqui ele já antecipa o seu caráter vital, no sentido que essa noção de experiência, que ele constrói a partir de Bataille, seria capaz de nos levar ao limite da vida e ao limite da filosofia. Sendo assim, para Foucault,

*marche se place, d'emblée, sous la constellation d'une nécessité d'essence, qui la précèdera, de peu, mais sans cesse, jusqu'au bout de son chemin ».*

<sup>19</sup> Texto original: « [...] ses étoiles et leur ciel ».

<sup>20</sup> Texto original: « [...] non plus libre exercice de la nécessité, ou bonheur de l'autorité reçue – mais geste original d'autorité, elle se fait autorité, autorité créatrice d'elle-même reposant sur soi, se recueillant en soi, s'exerçant dans l'expansion de soi: une liberté d'expérience qui ne trace plus la ligne droite qui sépare, mais élève le sceptre qui cerne, qui rassemble et qui règne. Elle n'est plus un esprit en mal de réconciliation, une conscience fidèle à s'écouter elle-même, ni un sujet toujours décalé vers le plus originale de lui-même, mais elle dissipe, par l'autorité dont elle fait preuve, et qui forme sa preuve, toutes les mythologies de l'origine, tous les fantômes de l'aliénation: elle a rompu avec toutes des formes de conscience oubliées de soi, elle a effacé tous les visages de la conscience esclave; elle rend aussitôt vains tous les efforts rappel ou de délivrance; car elle n'a rien perdu d'elle-même, aucune patrie ne l'a précédée, aucun ciel n'a fixé le destin de sa naissance: elle porte toute sa souveraineté dans l'instant de son initiative; et ce qu'elle instaura n'est pas une pratique, un exercice, ni un tâche, c'est un régné ».

“[...] para que a filosofia viva, ela deve ser tornada impossível e sua conclusão prometida em uma ontologia” (2019, p. 128, *tradução nossa*)<sup>21</sup>. É nesse sentido que Foucault compreende a fenomenologia como um empreendimento limitado, que não é capaz de efetivamente capaz de alcançar o impossível e de cruzar as “[...] fronteiras exteriores do possível” (2019, p. 129, *tradução nossa*)<sup>22</sup>. E, não obstante, a noção de experiência extraída de Bataille explora justamente essas fronteiras, esses limites, de modo a encontrar nelas “[...] é uma ausência do ser – ou melhor, uma ausência na qual se asfixiam as possibilidades” (FOUCAULT, 2019, p. 129, *tradução nossa*)<sup>23</sup>.

Em seguida, Foucault explora a relação entre os conceitos de silêncio, de erotismo e de verdade. Para ele, o erotismo só pode existir como silêncio e “a verdade do erotismo já nasce como verdade profanada” (FOUCAULT, 2019, p. 129, *tradução nossa*)<sup>24</sup>, na medida em que a linguagem erótica é escandalosa por designar “aquilo que há de secretamente profanador em toda a verdade” (FOUCAULT, 2019, p. 129, *tradução nossa*)<sup>25</sup>. Sendo assim, a linguagem e a literatura erótica seriam as linguagens mais verdadeiras no sentido em que elas manifestam a irrupção do sagrado. Foucault, então, defende que:

Não é a moralidade que denuncia nas palavras eróticas o que não se deve dizer, mas um silêncio que é sem medida para com as omissões do pudor: o silêncio em que repousa o ser que recusa imperiosamente toda designação, todo sentido, toda linguagem, e vem à tona na noite absoluta da fala (FOUCAULT, 2019, p. 129, *tradução nossa*)<sup>26</sup>.

À vista disso, Foucault situa o erotismo como estando na borda externa da ontologia, essa espécie de “[...] parede vertical onde o ser, vertiginosamente, se precipita em si mesmo, libertando-se repentinamente do pavor do *Logos*” (2019, p. 129, *tradução nossa*)<sup>27</sup>. No mais, o autor faz uma breve incursão pelo pensamento de Parmênides, filtrado por uma interpretação heideggeriana. Para ele, o que seria algo tão simples como afirmar que o ser é foi envolvido por toda uma tautologia do ser, com um excesso de linguagem que deu origem à filosofia. Foucault

<sup>21</sup> Texto original: « [...] pour que vive la philosophie, il faut la rendre impossible, et lui promettre son achèvement dans une ontologie ».

<sup>22</sup> Texto original: « [...] frontières extérieures du possible ».

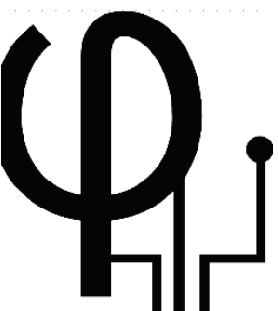
<sup>23</sup> Texto original: « [...] c’est une absence d’être – ou plutôt une absence où se asphyxient les possibles ».

<sup>24</sup> Texto original: « La vérité de l’érotisme naît déjà vérité profanée ».

<sup>25</sup> Texto original: « [...] ce qu’il y a de secrètement profanateur dans toute vérité ».

<sup>26</sup> Texto original: « Ce n’est pas la moralité qui dénonce dans les mots érotiques ce qui ne devrait pas être dit, mais un silence qui est sans mesure avec les omissions de la pudeur: le silence où repose l’être qui impérieusement refuse toute désignation, tout sens, tout langage, et vient au jour dans la nuit absolue de la parole ».

<sup>27</sup> Texto original: « [...] la paroi verticale où l’être, à pic, se précipite en lui-même, se libérant d’un coup de l’effroi du Logos ».



defende que o ser é e o não-ser não é de Parmênides ainda mantinham a dimensão do silêncio e da contemplação e afirma que seria preciso, então, voltar ao instante dessa decisão que “[...] optou absolutamente pela linguagem, pela esfera sem ruptura do ser e pelo pensamento”<sup>28</sup> (FOUCAULT, 2019, p. 130, *tradução nossa*), instante esse no qual a filosofia terminou em seu próprio começo.

### 3 LINGUAGEM E MORTE DE DEUS: O VAZIO ONTOLÓGICO

*“Do erotismo, é possível dizer que é a aprovação da vida até na morte”. (Georges Bataille)*<sup>29</sup>

Baseado nisso, vejamos agora de que maneira o *Prefácio à transgressão* nos ajuda a compreender esse breve, porém complexo, texto. Nesse artigo, Foucault defende que a modernidade, de Sade a Freud, desnaturalizou a sexualidade, lançando-a:

[...] em um espaço vazio onde ela só encontra a forma tênue do limite, e onde ela não tem para além nem prolongamento a não ser no frenesi que a rompe. Não liberamos a sexualidade, mas a levamos, exatamente, ao limite: limite de nossa consciência, já que ela dita finalmente a única leitura possível, para nossa consciência, de nossa inconsciência; limite da lei, já que ela aparece como o único conteúdo absolutamente universal do interdito; limite de nossa linguagem; ela traça a linha de espuma do que é possível atingir exatamente sobre a areia do silêncio (FOUCAULT, 2009, p. 28).

Desse modo, o filósofo apresenta a sexualidade moderna como a marca de um limite e recorre ao conceito bataillano de transgressão, o qual ele define como um “[...] gesto relativo ao limite” (FOUCAULT, 2009, p. 31), para caracterizar a sexualidade moderna como o destino à uma ausência, na medida em que “[...] autoriza uma profanação sem objeto, uma profanação vazia e fechada em si” (FOUCAULT, 2009, p. 29) ou ainda “[...] uma profanação em um mundo que não reconhece mais sentido positivo no sagrado” (FOUCAULT, 2009, p. 29).

Sendo assim, para Foucault, a única coisa que uma linguagem pode dizer, a partir da sexualidade, “[...] não é o segredo natural do homem, não é a sua calma verdade antropológica, é que ela é sem Deus; a palavra que demos à sexualidade é contemporânea no tempo e na estrutura daquela pela qual anunciamos a nós mesmos que Deus estava morto (2009, p. 29). O

<sup>28</sup> Texto original: « [...] a opté absolument pour le langage, par la sphère sans rupture de l'être et par la pensée ».

<sup>29</sup> Cf. BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

autor enfatiza a existência de um vínculo entre a linguagem e a morte de Deus, na medida em que a morte de Deus nos deixa diante de um vazio ontológico, diante de um limite do nosso pensamento. Essa morte de Deus não tem a ver com “[...] o fim do seu reinado histórico, nem a constatação enfim liberada de sua inexistência” (FOUCAULT, 2009, p. 30) mas sim com a supressão do limite do Ilimitado. É a morte de Deus que reconduz a nossa existência à uma experiência interior, “[...] a uma experiência em que nada mais pode anunciar a exterioridade do ser, a uma experiência consequentemente interior e soberana” (FOUCAULT, 2009, p. 30). Aqui, Foucault finalmente parece relacionar plenamente as características anteriormente apresentadas sobre a noção de experiência em Bataille: a sua dimensão pessoal e política, a sua autoridade criadora e a possibilidade de destruição do sujeito. Nesse sentido, para Foucault, essa experiência interior é justamente uma experiência do impossível. E, sendo assim, é a partir de Bataille que Foucault se inspira a pensar sobre as “[...] as possibilidades de pensamento que essa morte podia abrir, e também a impossibilidade em que ela investia o pensamento” (2009, p. 30).

No mais, para Foucault, o fato é que, após Nietzsche declarar, por três vezes na sua *A Gaia Ciência* que Deus morreu, essa morte serve tanto para libertar nossa existência dessa existência que nos limita, como para reconduzir nossa existência aos limites que essa existência ilimitada apaga, para reconduzir Deus ao nada que ele é, como também para perder a linguagem. No entanto, diz Foucault, a morte de Deus “[...] não nos restitui a um mundo limitado e positivo, mas a um mundo que se desencadeia na experiência do limite, se faz e se desfaz no excesso que a transgride” (2009, p. 31). Foucault então reconhece que, pelo menos desde Sade, mas mais impressionantemente em Bataille, o pensamento de Deus e o pensamento da sexualidade se conectam. Assim, é na raiz da sexualidade que a experiência da transgressão se configura, experiência essa que nos coloca “[...] nos limites de qualquer linguagem possível” (FOUCAULT, 2009, p. 31). A relação entre limite-transgressão, a qual Foucault define como uma relação em espiral, é marcada pelo fato de que não há limite sem transgressão e não há transgressão sem limite. Trata-se de um movimento violento e escandaloso, no qual “[...] a transgressão leva o limite até o limite do seu ser; ela o reconduz a atentar para sua desapareção iminente, a se reencontrar naquilo que ela exclui (mais exatamente talvez a se reconhecer aí pela primeira vez), a sentir sua verdade positiva no movimento de sua perda” (FOUCAULT, 2009, pp. 32-33).

Por fim, Foucault fala da relação entre a transgressão e a ética. A transgressão, para o filósofo, “[...] não é violência em um mundo partilhado (em um mundo ético) nem triunfa sobre limites que ela apaga (em um mundo dialético ou revolucionário)” (2009, p.

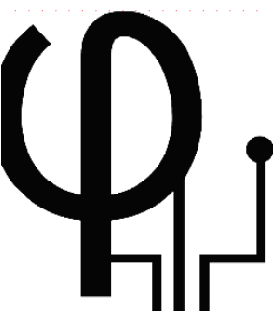
33). Para ele, não há nada de negativo (e, talvez, nem de positivo) na transgressão. Ele questiona se ela não seria a afirmação da divisão, a possibilidade de uma afirmação não positiva, de “[...] uma afirmação que não afirma nada: em plena ruptura da transitividade” (FOUCAULT, 2009, p. 34). Compreendido assim, o ato contestar não mais seria um esforço negativo, mas um gesto que reconduziria aos limites, contestar seria “[...] ir até o núcleo vazio no qual o ser atinge seu limite e no qual o limite define o ser” (FOUCAULT, 2009, p. 34).

Em relação à ontologia, Foucault se questiona se esse:

[...] jogo instantâneo do limite e da transgressão seria atualmente a prova essencial de um pensamento sobre a “origem” ao qual Nietzsche nos destinou desde o início de sua obra - pensamento que seria, absolutamente e no mesmo movimento, uma Crítica e uma Ontologia, um pensamento que pensaria a finitude e o ser? (FOUCAULT, 2009, p. 35).

Para o filósofo, tudo até o presente havia nos desviado desse pensamento, que surge da “[...] abertura praticada por Kant na filosofia ocidental, no momento em que ele articulou, de uma maneira ainda bastante enigmática, o discurso metafísico e a reflexão sobre os limites de nossa razão” (FOUCAULT, 2009, p. 35), abertura essa que Foucault considera que foi fechada pelo próprio Kant no momento em que ele reduz “[...] no final das contas, toda interrogação crítica a uma questão antropológica” (FOUCAULT, 2009, p. 35) e, foi ainda, “[...] depois entendida como prazo infinitamente concedido à metafísica, porque a dialética substituiu o jogo da contradição e da totalidade pelo questionamento do ser e do limite” (FOUCAULT, 2009, p. 35). Ou seja, Foucault (2009, p. 35) recorre às necessárias “[...] figuras nietzschianas do trágico e de Dionísio, da morte de Deus, do martelo do filósofo, do super homem que chega pouco a pouco e do Retorno” para nos despertar do que ele considera como o “[...] sono confuso da dialética e da antropologia”. Trata-se, para Foucault, de um movimento de libertação da linguagem, de encontrar a possibilidade de uma linguagem não dialética. Trata-se, ainda, de introduzir o gesto da transgressão no lugar do movimento das contradições. Como resultado disso, teríamos, para Foucault, não um fim da filosofia, e sim um:

[...] fim do filósofo como forma soberana e primeira da linguagem filosófica. E talvez a todos aqueles que se esforçam por manter antes de tudo a unidade da função gramatical do filósofo - ao preço da coerência, da própria existência da linguagem filosófica - poder-se-ia opor o exemplar empreendimento de Bataille, que não parou de destruir nele, obstinadamente, a soberania do sujeito filosofante (FOUCAULT, 2009, p. 38).





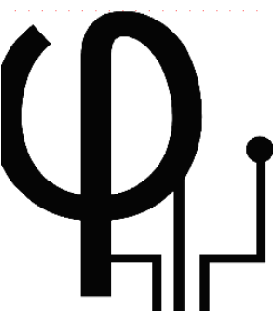
Com isso, o filósofo intenta operar um movimento inverso aquele que “[...] sustentou, a partir de Sócrates, sem dúvida, a sabedoria ocidental, a essa sabedoria a linguagem filosófica prometia a unidade serena de uma subjetividade que triunfaria nela, sendo por ela e através dela inteiramente constituída” (FOUCAULT, 2009, p. 39). Sendo assim, para Foucault, a figura do sábio deve ser substituída pela “possibilidade do filósofo louco” (2009, p. 40) enquanto a figura da transgressão do ser do filósofo. Apenas assim teríamos acesso a uma “[...] linguagem não dialética do limite que só se desenvolve na transgressão daquele que a fala” (FOUCAULT, 2009, p. 40). Foucault conclui o seu artigo dizendo que “[...] a sexualidade só é decisiva para nossa cultura se falada e à medida que é falada” (2009, p. 45) e que o surgimento da sexualidade moderna “[...] como problema fundamental marca o deslizamento de uma filosofia do homem trabalhador para uma filosofia do ser falante” (2009, p. 45), filosofia essa que é secundária à linguagem pois:

[...] a partir do dia em que nossa sexualidade começou a falar e a ser falada, a linguagem deixou de ser o momento do desvelamento do infinito; é em sua densidade que fazemos daí em diante a experiência da finitude e do ser. É em sua obscura morada que encontramos a ausência de Deus e nossa morte, os limites e sua transgressão. Mas talvez ela se ilumine para aqueles que enfim libertaram seu pensamento de qualquer linguagem dialética como ela se iluminou, e mais de uma vez para Bataille, no momento em que ele experimentava, no âmagô da noite, a perda de sua linguagem (FOUCAULT, 2009, p 45).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento do presente artigo, apresentamos o contexto no qual se teria acontecido uma suposta ruptura no pensamento foucaultiano em relação à tradição hegeliana, marxista, existencialista e fenomenológica que o formara. Aqui, contudo, temos a tarefa crítica de problematizar essa ruptura, de modo a evitar o risco de instigar uma interpretação que leva a sério demais esse suposto rompimento.

Em primeiro lugar, vale ressaltar, que o desejo de um distanciamento, por parte de Foucault e de outros pensadores da sua geração, não significa que esses pensadores não tenham se interessado profundamente e se debruçado no estudo dessas filosofias. O que está implicado, ao fim e ao cabo, é a existência de “[...] uma sensação de sufocamento e o desejo de ver mais além” (FOUCAULT, 2009, p. 410). No mais, também seria importante enfatizar que esse desejo de ruptura não necessariamente resultou em uma ruptura instantânea, total e

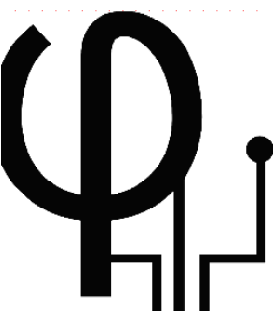


completa. Tudo indica, pelo contrário, um movimento gradual, o que se evidencia pelo fato de que seus escritos no começo dos anos 60, como a própria *História da Loucura*, ainda guardam certos resquícios fenomenológicos. Como bem observa Marcos Nalli, os rastros fenomenológicos da obra de Foucault vão sendo, ao longo dos anos, problematizados e apagados de sua filosofia, “[...] mediante a recorrência a elementos estruturalistas e/ou nietzscheanos e também a elementos, paradoxalmente, fenomenológicos – ainda que nem sempre facilmente determináveis” (2009, p. 108).

Esse apagamento gradual se desdobrou, primeiramente, no desenvolvimento, de uma arqueologia que vai se aperfeiçoando através de um procedimento que visa operar um contraste histórico entre as experiências, objetivando, por sua vez, uma crítica aos universais a-históricos e ao círculo antropológico. Nos cursos intitulados como *A sexualidade* e *O discurso da sexualidade*, ofertados por Foucault no âmbito de seu ensino de psicologia e de filosofia em 1964 e em 1969 nas Universidades de Clermont-Ferrand e de Vincennes, respectivamente, Foucault retoma essa mesma problemática que já estava germinada nos seus textos sobre Bataille.

Em *A sexualidade*, por exemplo, Foucault interroga as condições que levaram ao aparecimento da sexualidade como tema antropológico, através de um processo histórico que resulta em uma transformação dos mecanismos compensatórios (equiparação progressiva que busca reequilibrar as desigualdades impostas pela combinação entre patriarcado e monogamia que caracteriza a sociedade ocidental), em uma transformação das relações do direito e sexualidade (nascimento do Código Civil Francês que, ao dessacralizar e dessexualizar o casamento, acaba por desinstitucionalizar a sexualidade) e no aparecimento de uma consciência problemática e inquieta sobre a sexualidade (a qual se manifesta como uma espécie de “[...] tema cultural flutuante” (2021c, p. 30) e que faz emergir, sobretudo a partir de Sade, uma linguagem que liga a sexualidade à transgressão). É através dessa análise histórica que Foucault visa apresentar as características dessa sociedade única, a qual transformou a sexualidade em uma ciência ao ponto de transformá-la em “[...] um objeto não apenas da literatura, da epopeia, da mitologia, da religião, mas do saber discursivo” (FOUCAULT, 2021c, p. 33), enfatizando assim uma relação que liga a sexualidade às ciências humanas em um movimento que vai de Sade a Freud, com sua análise das perversões.

Já em *O discurso da sexualidade*, temos uma arqueologia do saber muito mais fundamentada, a qual não se detém mais em investigar como o século XIX descobriu uma nova linguagem, essa linguagem do saber sobre a sexualidade como um saber sobre as perversões, mas sim em diferenciar linguagem e discurso. O autor defenderá que “[...] não



se trata de saber como a sexualidade é investida de discurso, mas como a sexualidade pode tornar-se objeto do discurso” (FOUCAULT, 2021c, p. 145). Nesse sentido, uma análise arqueológica do discurso da sexualidade é aquela que trata a sexualidade como objeto do discurso, e ele novamente recorre a Sade e Freud como exemplos de discursos que tratam a sexualidade como tal. Esse tratar a sexualidade como tal não é tratá-la como o designado (referente), nem como o conotado (horizonte), mas sim, diz Foucault, como o referencial do discurso. Sade, diz Foucault, “[...] fala não dos vícios e da virtude, não de tal ou qual personagem imaginário, mas da sexualidade” (2021c, p. 146). Sendo assim, o filósofo procede em uma análise arqueológica do discurso da sexualidade, a bem dizer, em uma análise da “[...] emergência histórica da sexualidade como referencial de um discurso possível” (FOUCAULT, 2021c, p. 146) assim como uma análise da forma “[...] como a sexualidade foi epistemologizada” (FOUCAULT, 2021c, p. 147), no sentido em que “[...] esse discurso da sexualidade (esse discurso que tinha como referencial a sexualidade) sempre tendeu a ser um discurso de saber (e cada vez menos um discurso de valorização) e, ao mesmo tempo, um discurso da transgressão (e cada vez menos um discurso da prescrição) (FOUCAULT, 2021c, p. 147).

Futuramente, com a inclusão da novidade genealógica que complementa a sua arqueologia, Foucault ampliará o seu campo de investigação em relação à sexualidade para incluir a questão do poder, de modo a investigar a partir das relações entre poder-saber-sexo se podemos ter um ponto de partida que não seja o conceito de repressão. De seus escritos sobre o Édipo-Rei até a *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*, o que está em jogo, para Foucault, é o fato de que a nossa sociedade concebe o saber em termos de consciência o que a torna incapaz de pensar “[...] o saber em termos de poder e, portanto, de excesso, portanto, de transgressão” (2014b, p. 236). Foucault, então, recorre à noção de dispositivo para compreender como essa *scientia sexualis* articula as técnicas de exercício do biopoder constituindo uma sociedade que é, ao mesmo tempo, disciplinadora e reguladora em relação à vida. Para o autor, a sexualidade enquanto dispositivo moderno se apresenta, então, como uma:

grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação do discurso, a formulação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder (FOUCAULT, 2011, pp. 116-117).

E, por fim, mais uma vez através de um novo deslocamento em seu empreendimento, chegamos ao último Foucault. Esse Foucault que não mais usa Sade

como um de seus personagens, e que o substitui estrategicamente por Baudelaire. Esse Foucault que opera uma pesquisa histórica que contrasta a experiência grega dos *aphrodisia*, com a experiência cristã da carne e com a experiência moderna da sexualidade com o intuito de analisar como evoluímos de uma prática de usos dos prazeres para noção de um sujeito de desejo e, por fim, a um dispositivo histórico da experiência moderna da confissão do desejo. Tudo isso, para, no fim das contas, refletir sobre a possibilidade de uma resistência que desenvolva novas formas estratégicas de si que escapem do governo pela individualização ou do assujeitamento do indivíduo administrado e que resulte um processo alternativo de subjetivação. É ao final de sua vida que Foucault tratará diretamente da questão da espiritualidade, no sentido etopoético do termo, como uma forma de saber que implica a “[...] transformação do modo de ser do sujeito por ele mesmo” (2010, p. 161).

Posto isto, defendemos que apesar de Bataille, à primeira vista, não aparecer mais como um personagem tão central nos ditos e escritos do último Foucault, isso não significa que sua influência não esteja sempre posta em questão. Pois, a partir de uma filosofia que pensa da transgressão à ética, do empreendimento da dessubjetivação à possibilidade de uma nova forma alternativa de subjetivação, o que está sempre em jogo, como bem observa Sardinha, é “[...] um mesmo universo problemático, que se poderia chamar de limites do ser e sua relação à ética” (2010, p. 178). Por mais fraco que o eco de Bataille no último Foucault possa soar aos ouvidos pouco atentos, ele está definitivamente presente na busca foucaultiana por uma ontologia crítica. É nesse sentido, então, que corroboramos a hipótese interpretativa de Jean Terrel, segundo a qual “[...] a espiritualidade que Foucault reivindica em 1982 deve ser conquistada a partir de uma crítica implacável do espiritualismo, do mesmo modo que uma nova prática de subjetivação começa pelas experiências radicais de dessubjetivação” (2010, p. 166, *tradução nossa*)<sup>30</sup>.

<sup>30</sup> Texto original: « [...] la spiritualité dont Foucault se réclame en 1982 doit être conquise à partir d'une critique impitoyable du spiritualisme, de même qu'une nouvelle pratique de subjectivation commence par des expériences radicales de désobjectivation ».

## REFERÊNCIAS

- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.
- BECKETT, Samuel. *Esperando Godot*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits I (1954-1975)*. Paris: Éditions Gallimard, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Ditos e Escritos III: Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Organização de Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2º edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A hermenêutica do sujeito: Curso no Collège de France (1981-1982)*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 3º edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. 21º reimpressão. Rio de Janeiro: Graal, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Ditos & escritos II: Arqueologia das Ciências e Histórias dos Sistemas de Pensamento*. Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro. 3º edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Aulas sobre a vontade de saber: Curso no Collège de France (1979 - 1980)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Dits et écrits II (1976-1988)*. Paris: Éditions Gallimard, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Folie, Langage, Littérature*. Edição estabelecida por Henri-Paul Fruchaud, Daniele Lorenzini e Judith Revel. Paris: Librairie Philosophique J. VRIN, 2019.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a sexualidade: cursos e trabalhos de Michel Foucault antes do Collège de France*. Tradução de Vera Ribeiro. 1º edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- MACHADO, Roberto. *Impressões de Michel Foucault*. São Paulo: N-1 Edições, 2017.
- NALLI, Marcos. Um rastro a desaparecer na praia do pensamento: Foucault e a fenomenologia. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. 15, n. 2, p. 108-114, jul-dez, 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2009v15n2.5>.
- REVEL, Judith. La pensée verticale: une éthique de la problématisation. In: GROS, Frédéric. *Le courage de la vérité*. Paris: Presses Universitaires de France, 2015.
- SARDINHA, Diogo. As duas ontologias críticas de Foucault: da transgressão à ética. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 33, n. 2, p. 177-192, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732010000200011>.
- TERREL, Jean. *Politiques de Foucault*. Paris: Presses Universitaires de France, 2010.

